



Editorial

O DESAFIO DA CRISE ATUAL DE VALORES

Xavier Herrero

Numa sociedade que passa por uma crise profunda econômica, social e política, o problema dos valores torna-se um problema decisivo e vital. Numa crise profunda pode falhar tudo menos a esperança. Quando esta deixa de ser a força da vida, tudo desmorona. Afonso Arinos dizia, numa entrevista recente, que o enferrujamento do sistema atual se manifesta sobretudo "na desesperança do povo frente aos mitos da segurança pela ordem aparente e do desenvolvimento pela grandeza aparente. E tudo isto decorre, essencialmente, da falta de liberdade". Se a desesperança do povo é uma consequência da falta de liberdade, instaura-se então uma crise global de credibilidade, de credibilidade nos dirigentes, de credibilidade nas instituições, e o povo passa a sofrer uma crise de confiança em si mesmo, pois todas as forças latentes de um povo que sofre na carne diretamente todas as consequências da crise, ficam bloqueadas. A. Arinos acabava, porém, a sua entrevista com uma clara mensagem otimista de esperança: "tenho ainda condições de prever a abertura de uma era de esperança para o povo brasileiro... O Brasil precisa preparar-se para esta fase de ética e racionalidade", capaz de devolver-lhe a esperança e provocar o surgimento de nova vida. O que forma, o que une, o que constitui uma sociedade são os valores nos quais ela acredita e em torno dos quais projeta um futuro mais promissor.

A crise da sociedade brasileira, à qual chegou depois da tentativa de se implantar pela revolução do 64 uma era de segurança e de desenvolvimento, está ligada à crise de desencanto pela qual está passando toda sociedade moderna. Desencanto com os ideais de um humanismo que entrevia uma realização próxima da liberdade e da justiça nas relações humanas e cujo resultado foi uma nova dominação do Estado sobre a sociedade tanto nos países capitalistas quanto nos socialistas. Desencanto com o progresso material que acabou reduzindo o

homem a um ser de necessidades manipuladas por uma sociedade de consumo que oprime e obscurece todo ulterior horizonte de sentido da vida. Esta crise de desencanto leva a um cansaço e a uma esterilidade que faz envelhecer precocemente as sociedades outrora entusiasmadas e criativas. Estas sociedades só poderão rejuvenecer se abrirem novos horizontes de sentido para a vida humana. Nesse sentido continua a palavra otimista de A. Arinos: "a história do progressismo moderado em quase todos os países (da Europa) ... abre perspectivas de racionalidade e orientação ética" capazes de suscitar uma nova esperança no passo do fim de século.

Porém, a abertura de um horizonte de racionalidade ética deve levar em conta alguns conflitos básicos próprios da sociedade moderna que agravam o problema dos valores. Em primeiro lugar, a sociedade moderna é uma fonte contínua de desvalorização das tradições. Com efeito, ela se compreende e se organiza em função do trabalho. A sociedade se constitui como um grupo organizado em vista da transformação da natureza para a satisfação das necessidades. A natureza passa a ser o conjunto de matérias primeiras a transformar e das leis particulares, cujo conhecimento permite à sociedade essa transformação. O que surge daí é uma sociedade de trabalho organizado que, em princípio, engloba a humanidade inteira, pois as técnicas de trabalho e de organização são as mesmas por toda parte. A vida tornou-se trabalho organizado.

O importante para nós agora é constatar que, nesta sociedade, o valor supremo passa a ser o da eficácia calculadora, o do resultado mensurável materialmente: toda decisão, todas as transformações dos processos de trabalho e de organização, todo emprego de forças disponíveis, tudo passa a ser justificado pela sua eficácia na dominação da natureza. E todo problema que não possa ser equacionado em termos desta eficácia, é visto como um falso problema.

Daí surge o conflito com as tradições. Pois se, em princípio, a vida se tornou trabalho organizado, tudo o que não favoreça a eficácia desta organização para a sociedade, é visto como resíduo histórico ultrapassado, que também, em princípio, deve desaparecer. Todos os outros valores da comunidade com suas tradições são considerados como privados, que não devem interferir sobre o que é essencial para a sociedade.

Inicia-se, assim, um processo de desvalorização de todas as tradições. E o que é mais grave, por ser paradoxal, é que a sociedade moderna

tem como sagrado o que até então era profano. Para a sociedade moderna, a luta contra a natureza é sagrada, a racionalidade calculadora é o valor a partir do qual ela reflete e se orienta. Doravante, todas as comunidades tradicionais se encontram confrontadas, queiram ou não, com este valor único da sociedade moderna. Todos os valores históricos e o sagrado de cada comunidade são submetidos a uma crise e deverão se justificar diante do sagrado da técnica, diante do valor da eficácia calculadora, para poderem sobreviver. Temos, assim, configurado o conflito entre sociedade moderna e comunidade histórica.

A sociedade moderna é, em segundo lugar, uma fonte contínua de ideologias. A sociedade moderna, com seu valor único, é a situação histórica na qual todo indivíduo e grupo deve configurar sua vida, pois ela exige a dedicação total ao trabalho social e a renúncia a todo sagrado histórico. Ela é o ponto de referência necessário para todo confronto de valores. A rigor, a sociedade promete um sentido para a vida, mas ela não pode oferecê-lo aqui e agora, pois ela é racional só em princípio. A racionalização técnica da vida é uma meta projetada para um futuro sempre distante. Ela não é uma realidade presente e deixa um vazio de sentido, fonte de inumeráveis conflitos. Mas entretanto, o mecanismo social age mecanicamente sobre os indivíduos e ameaça com eliminar e elimina de fato os que não se conformam com suas exigências. Ele exige que todo indivíduo ponha a disposição da sociedade todas as suas forças e bens acumulados, e que busque na sua vida privada um sentido para a vida.

Configura-se assim um novo conflito. A sociedade moderna é racional, em princípio, e como tal universal. Mas, de fato, o que existe por toda parte são sociedades particulares confrontadas com todos os valores históricos ainda não racionalizados e com todos os valores tradicionais abalados pela crise vista antes. Numa sociedade universal, a organização da sociedade em grupos seria puramente racional, dependendo unicamente do trabalho social. Numa sociedade particular e histórica, a organização é irracional e injusta e provoca a luta dos grupos entre si.

É esta irracionalidade de fato da sociedade particular, por um lado, e seu impacto no "ethos" das comunidades históricas com seus valores que está na fonte das ideologias modernas. As duas formas de organização da sociedade, a capitalista e a socialista, determinam a formação e o confronto das ideologias modernas. Aqui não se trata de analisar estas ideologias. Trata-se apenas de constatar o caráter abrangente e totalizador das ideologias e seu impacto no "ethos" das comuni-

dades. Quando essas ideologias se simplificam até o ponto de enquadrar a realidade em esquemas maniqueístas, então o efeito passa a ser devastador, o diálogo torna-se impossível e as suspeitas ideológicas invadem a totalidade da vida do homem. Nesse contexto, o problema dos valores torna-se insolúvel porque até a sua formulação é impossível. O conflito de valores entre sociedade moderna e comunidade histórica é assim agravado pela luta ideológica.

A sociedade moderna é, em terceiro lugar, uma fonte de pluralismo. Não falo aqui da atitude decadente que diante da diversidade de opiniões e de propagandas cede ao ceticismo ou ao relativismo. Refiro-me ao pluralismo que surge da modernidade mesma e que se constitui como o espaço de toda ação humana.

Trata-se do pluralismo que surge do estatuto das ciências modernas. A descoberta de uma teoria científica ou de um novo procedimento técnico não procede por referência a um universo verdadeiro do qual derivariam verdades particulares. O modo moderno de conhecimento é perspectivista. Ele procede de um método particular, limitado nos seus procedimentos e no seu campo de aplicação. O ponto de vista do físico não é o do sociólogo ou do antropólogo. Um projeto de urbanização, por exemplo, exige a coordenação de uma pluralidade de pontos de vista (do arquiteto, do sociólogo, do político, do economista, etc.). O equilíbrio do projeto será encontrado pela coordenação dos diversos aspectos do problema. Este pluralismo surge do modo de pensamento e de ação necessários num mundo construído pelas ciências e pelas técnicas.

Trata-se também do pluralismo que surge do âmbito da moral, como conseqüência do valor único da sociedade moderna. A sociedade se compreende nas ciências modernas. O tipo de racionalidade que elas desenvolvem exclui as opiniões pessoais, as convicções morais ou religiosas. O que se espera do cientista ou do técnico é que obedeça às regras de seu método ou da técnica, e estas são universais. Ora, o desenvolvimento desta racionalidade coloca do lado do inessencial os valores em nome dos quais o cientista, o engenheiro ou o técnico agem na sua vida política, moral ou religiosa. Do ponto de vista do desenvolvimento técnico, esses valores não são essenciais, eles aparecem como valores privados. Assim a racionalidade do universo científico-técnico situa o universo dos valores do lado das particularida-

des individuais. Mas pelo mesmo fato de esses valores aparecerem como privados de sentido do ponto de vista da atividade científica e técnica, eles recebem um peso maior para os indivíduos, pois são eles que dão sentido à sua vida. Assim, do ponto de vista dos indivíduos, eles aparecem como o essencial, diante do universo desumanizante da técnica. É neste contexto que se compreende o pluralismo moral na sociedade. Pois toda luta pela humanização da sociedade se faz em função de um engajamento moral determinado. Um grupo se engaja em nome da classe operária, outro em nome da fé, em nome da libertação dos homens ou em nome da liberdade. Reconhece-se assim uma grande diversidade de sistemas morais, uma grande diversidade de tradições que não podem ser ignoradas ou rejeitadas.

Trata-se, enfim, do pluralismo que surge da política mesma, como conseqüência do anterior. O sentido da política é conseguir a convivência de todos os grupos e indivíduos diferentes. A sociedade é formada por grupos diversos, com interesses contrastantes e contraditórios. O ideal do político é conseguir uma unidade para essa diversidade, forjar uma vontade comum de viver juntos no meio da pluralidade de pontos de vista. Mas sobre que bases conseguir um consenso? Existem ainda valores comuns? O pluralismo aparece aqui como a situação na qual toda ação que se quer sensata deve se desenvolver. Numa época em que os homens se opõem e divergem até no essencial, a política deve abrir um espaço para a comunicação destas diversidades.

Assim se falamos da abertura de um horizonte ético como fonte renovadora de valores, estes conflitos básicos devem estar presentes, se não se quer voltar a tentativas já ultrapassadas e, por isso, condenadas de antemão ao fracasso. O horizonte ético deve surgir como uma dimensão que está presente, embora de modo oculto, no meio de todos os conflitos. Ela está presente porque o povo que sofre na carne todas as conseqüências da crise atual está formado por seres humanos que são um valor absoluto em si mesmos. Ela está oculta porque é uma dimensão oprimida pelas ideologias dominantes, mas que, exatamente por isso, deve ser resgatada. Numa sociedade cuja razão de ser se reduz à contínua oferta de meios de vida, a racionalidade ética deve resurgir como a dimensão própria e especificamente humana que estabelece os fins da existência humana em liberdade. Com efeito, os homens têm que interpretar sempre o que significa viver dignamente nas condições existentes histórico-culturais. Isso significa: a dimensão ética do homem, ou seja, a relação específica das liberdades

entre si enquanto liberdades, deve ser a dimensão integradora das dimensões econômica e política da sociedade e a única capaz de respeitar, por sua vez, a autonomia relativa de suas respectivas racionalidades. Só se percebermos e nos conscientizarmos do valor específico da dimensão ética da vida, poderemos enfrentar a crise atual e dar a cada dimensão o valor que lhe cabe.